

O CAMINHO DOS ESSÊNIOS

Volume 1



Anne e Daniel Meurois - Givaudan

# O CAMINHO DOS ESSÊNIOS

Volume I

A vida oculta de Jesus revelada

Título do original:

**De mémoire d'Essenien** - l'autre visage de Jésus  
Copyright © 1984 Éditions - Arista, France,  
© 2000 Éditions Le Perséa, Québec - Canada.

**O Caminho dos Essênios** - Volume 1  
A vida oculta de Jesus revelada  
Anne e Daniel Meurois - Givaudan

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
www.edconhecimento.com.br  
conhecimento@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação —, sem permissão, por escrito, do Editor.

Revisão: Antonio Rolando Lopes Júnior e  
Paulo Gontijo de Almeida  
Capa e projeto gráfico: Sérgio F. Carvalho

ISBN 85-7618-113-4 - 3ª EDIÇÃO — 2006

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
Fone/Fax: 19 3451-5440 - Limeira - SP  
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Meurois-Givaudan, Anne

O caminho dos essênios / Anne Meurois-Givaudan, Daniel Meurois-Givaudan; tradução Julieta Leite. — 3ª ed. rev. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2006.

Título original : De mémoire d'essenien  
Conteúdo: v. 1. A vida oculta de Jesus revelada  
ISBN 85-7618-113-4

1. Espiritismo 2. Essênios 3. Jesus Cristo - Biografia - Vida oculta I. Meurois-Givaudan, Daniel. II. Título.

06-7881

CDD - 133.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Essênios e vida oculta de Jesus : Mensagens psíquicas : 133.93

Anne e Daniel Meurois - Givaudan

# O CAMINHO DOS ESSÊNIOS

Volume I

A vida oculta de Jesus revelada

Tradução  
Julieta Leite

3ª Edição - 2006



Dedicamos este livro a todos os essênios de hoje, daqui e de outros lugares, a todos vocês, familiares e amigos que, caada um a seu modo, tão bem souberam acompanhar-nos.

## Sumário

Introdução	9
Livro I	
1 Zérah	12
2 O Purim	20
3 Partida	28
4 O Krmel	40
5 A Palavra de ontem e de amanhã	49
6 Leitura dos seres (a aura)	62
7 A linguagem do leite	82
8 Em torno do velho Jacó	91
9 O labirinto	103
10 Jerusalém	121
11 Pedras levantadas	132
12 Entre os zelotas	151
13 A nuvem de paz	160
14 No País da Terra Vermelha	168
15 Aos pés do Vigilante silencioso	180

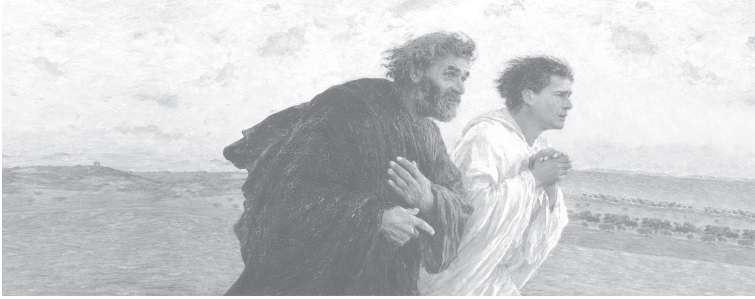
## Livro II

1	Batizados	189
2	Os dezessete anos	200
3	Onde estão as nossas verdadeiras armas?	210
4	Alimentos e tabernáculos	223
5	A árvore com sete raízes	232
6	No caminho de Jericó	241
7	Os cento e vinte	254
8	Sob o sol de Magdala	264
9	O caminho da transmutação	275
10	Construíam-lhe um trono de pedra	285
11	A noite de Getsêmane	294
12	Os Irmãos de Heliópolis	306
13	Gólgota	319
14	O mistério	334
15	Reencontro	342

## Livro III

1	Os vinte e dois	352
2	Rumo ao ouro do tempo, Míriam	359
3	Os jardins de lesse	370





## Introdução

ESSÊNIOS... PALAVRA QUE HOJE REAPARECE COM FREQUÊNCIA ante os olhos de quem interroga. Desde a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, ela deu volta ao mundo, suscitando, entretanto, mais interrogações do que respostas.

Quem eram os essênios? Não obstante os recentes trabalhos dos arqueólogos e dos pesquisadores, a história oficial é bem parca de informações.

Fala-se de uma seita mística à qual às vezes alguns associam o nome de Jesus... Quem é ele exatamente? A isto nos propomos, através deste livro, fornecer uma resposta... ou um começo de resposta, pois este domínio é imenso!

Não é um trabalho de historiador o que apresentamos nos capítulos que se seguem, mas uma narrativa, um testemunho vivido. Com efeito, nenhum documento, qualquer que fosse, ajudou na sua redação.

A razão se recusa, é claro, a admitir que se possa vasculhar o passado fora dos métodos de investigação tradicionais.

E no entanto... é razoável estabelecer limites aos horizontes que hoje se oferecem ao homem? As fronteiras do “impossível” não recuam sem cessar?

Não foi, porém, uma técnica de trabalho revolucionária que nos permitiu levar a termo esta obra, mas um método cuja origem se perde na noite dos tempos.

Este livro foi elaborado a partir de uma técnica herdada dos antigos egípcios e dos místicos do Himalaia; ele é fruto de uma longa leitura dos Anais de Akasha. Poderíamos dizer que eles são a Memória do Universo, mas isso ainda continuaria bem vago.

Debrucemo-nos, então, sobre a palavra Akasha, de origem sânscrita. Este termo designa um dos elementos constituintes da natureza, da mesma forma que a terra, a água, o fogo e o ar. As antigas tradições nos ensinam que se trata de uma substância infinitamente sutil, de uma forma de energia na qual se banha o Universo e que tem a propriedade de guardar a memória visual e auditiva de tudo o que vive. Akasha seria, então, a “placa sensível” do Universo ou, ainda, para usar um termo bem atual, um gigantesco “filme magnetoscópico” arranjado pela própria Natureza e capaz de revelar-nos, em determinadas condições, a “memória do passado”.

É conveniente assinalar que a consulta a esses Anais aconteceu fora de nosso mundo físico e no decorrer de uma série de “viagens astrais” ou “viagens fora do corpo”.

Este tipo de leitura nada tem a ver com o que se pode chamar de “Fenômenos espontâneos de visão”. Ele exige a longa aprendizagem de um método preciso, apoiado por um trabalho pessoal de ordem espiritual. De fato, e fazemos questão de insistir muito particularmente neste ponto, uma técnica está longe de ser suficiente. Ela é apenas uma ajuda para uma longa preparação, para uma limpeza dos diversos corpos que nenhum outro uso poderá substituir porque ela é baseada no amor.

A leitura dos Anais de Akasha supõe, por outro lado, uma autorização da parte dos seres espirituais que têm a sua guarda. Estes se asseguram da pureza de intenções dos “viajantes” e de sua capacidade de assimilação. Finalmente, as pesquisas em questão jamais devem ser conduzidas com um objetivo pessoal.

A narrativa que se seguirá nos leva à Palestina há uns dois mil anos, no próprio seio da sociedade essênia. Não é nada fácil reviver o passado, também nunca achamos agradável falar de nós. Nossas pessoas, aliás, têm apenas uma importância relativa neste testemunho.

Através desta existência no coração da Fraternidade essênia e de seus ensinamentos, ela tratará muitas vezes da per-

sonalidade e do pensamento de Jesus, bem como de detalhes relativos à sua vida, ao seu ambiente.

Não ignoramos que alguns desses aspectos poderão surpreender, até mesmo chocar, e estamos conscientes da responsabilidade que sua difusão implica. Entretanto, é chegado o tempo de levantar certos véus.

Não temos a pretensão de trazer exclusivamente coisas inéditas, mas uma pedra a mais a um edifício que se constrói.

Também não pretendemos narrar a totalidade dos fatos até aqui ocultos neste domínio, não tendo ainda chegado o momento da sua revelação.

Parece-nos também importante insistir sobre um ponto: nada foi romanceado ou deformado com um propósito qualquer. O leitor talvez fique surpreso ao encontrar uma porção de detalhes relativos também a paisagens, quadros e discursos. A memória astral é dotada de uma grande fidelidade, os olhos da alma percebem mais intensamente que os da carne.

Assim, nada do que foi escrito o foi aproximadamente. Nossos esforços tenderam sempre para a maior fidelidade com relação ao vivido, ao nome próprio uma vez que se tratam de palavras reproduzidas.

Finalmente, fazemos questão de precisar de que maneira a leitura dos Anais se efetua.

As cenas são revividas com nitidez absoluta, as palavras são percebidas na língua da época mas compreendidas instantaneamente, como se a dominássemos. No que nos diz respeito, a sensação de vivido foi tal que nos fez reencontrar emoções, percepções estranhas à nossa personalidade atual.

Talvez alguns vejam neste livro um romance e outros sejam tentados a qualificá-lo como delírio místico. Pouco importa! Nós o escrevemos com o coração, tal como os episódios impregnaram-se em nós no dia-a-dia durante quase dois anos. Nós o confiamos, pois, aos seres de coração!

Alguns já sabem o que é, e o tempo decidirá... Se houver tempo!

---

Nota — Embora cada um dos autores tenha redigido uma parte desta obra, a grande maioria das cenas descritas foi revivida em comum.



## Livro I

### Capítulo I Zérah

EU ACABAVA DE FAZER QUATRO ANOS. MEUS PAIS E EU MORÁVAMOS numa pequena aldeia da Galiléia a dois dias de marcha ao nordeste de Jappa. Jappa era a cidade grande, uma aventura total. De pé sobre o murinho do jardim que rodeava nossa casa modesta, eu muitas vezes contemplava a longa fila das caravanas de camelos que iam para lá num passo displicente.

Era uma das minhas distrações favoritas; eu gostava de imaginar os mercadores começando a desempacotar na praça da cidade os misteriosos conteúdos dos enormes cestos presos aos flancos de suas montarias. Eu só tinha visto esse espetáculo uma vez, mas ele tinha marcado fortemente minha imaginação e meu espírito infantil.

A vida estranha das pequenas ruelas oprimidas pelo calor, as tendas dos artesãos e dos comerciantes, o aroma das especiarias, os gritos dos animais e a agitação do porto, tudo isso contrastava enormemente com a existência calma e perfeitamente regular de nossa aldeia.

Meu pai era oleiro e raras eram as ocasiões em que ia a Jappa. Além disso, era preciso suplicar-lhe que fosse. Ele preferia o ritmo monótono à sua volta às exortações dos mercadores.

Inconscientemente, eu o reprovava um pouco por isso. Não tinha mais nada a fazer em Jappa a não ser comprar cereais uma vez por ano? Minha mãe às vezes tentava conversar comi-

go sobre o assunto. Ela também tinha-se acostumado à vida dura e simples do campo. Aliás, ela sempre tinha vivido lá, como todos da aldeia, a aldeia dos Irmãos, era assim que os de Jappa a chamavam.

Irmãos de quê? Eu ignorava, mas meu pai e os outros moradores das casas vizinhas freqüentemente diziam que éramos todos irmãos e que eu devia ter muito respeito por aquele nome. Minhas indagações, de resto, não iam muito longe; fora dos momentos de curiosidade inquieta, próprios dos espíritos infantis que despertam, eu encontrava uma cálida segurança no seio de nossa pequena comunidade.

Quantos éramos ao todo naquele conjunto de construções de taipa e pedra encarapitado no flanco do outeiro? Cento e cinqüenta ou talvez duzentos, no máximo.

Nossa aldeia era rodeada pelo que na época me parecia uma verdadeira fortificação, e que na verdade não passava de um murinho de pedras cinzentas. Muito raramente esse murinho ultrapassava um metro de altura.

Meu pai sempre me repetia, como se para ter certeza de que suas palavras ficariam gravadas em mim, que se tratava do “recinto sagrado”, que tudo o que ficava e crescia à sua sombra era para nós protegido e abençoado.

Todas as casas da nossa aldeia eram rodeadas por alguns tratos de terra que bastavam para suprir as necessidades da vida cotidiana. Mais abaixo, em ambos os lados do caminho para Jappa, todos cultivávamos campos maiores. Ao que me lembre, trabalhávamos lá de comum acordo. Não passava pela idéia de alguém dizer:

“Aqui é minha terra, lá, a tua.”

Todos diziam:

“Eis a nossa terra.”

As discórdias eram raras porque cada colheita era logo partilhada eqüitativamente. Disso resultava uma grande paz e é por isso que, desde os primeiros anos de vida, pus-me a amar minha aldeia e seus Irmãos. Parecia-me que lá havia uma lei para nós, que os outros, os mercadores e os da cidade, definitivamente não seguiam. Era uma sensação confusa que eu não conseguia explicar a mim mesmo.

Quando, com minha mãe, eu descia a vereda estreita que

se insinuava através do mato e assim saíamos da aldeia para encher, umas centenas de metros abaixo, os cântaros de água, nossa casa e as dos outros desapareciam da minha vista. Só algumas formas cúbicas cinza e ocre podiam ser adivinhadas atrás dos carvalhos verdes e das romãzeiras.

No centro da aldeia antigamente corria uma fonte, mas a natureza parecia ter mudado de idéia e precisávamos deixar nosso recinto sagrado várias vezes por dia. Acompanhar minha mãe era uma espécie de jogo; conforme as estações, eu aproveitava para andar despreocupadamente pelo vinhedo ou sob as figueiras.

Mais abaixo, perto da estrada principal, entrelaçavam-se largas faixas ora azuis, ora douradas. Eram os campos de linho e de trigo. Muitas vezes eu atirava seixos na sua direção para provar minha força e falar do meu desejo de mais tarde ir lá para semeá-los e ceifá-los.

Assim, a obrigação enfadonha de apanhar água transformava-se em diversão. Eu ainda não suspeitava que, alguns anos mais tarde, o cântaro passaria da cabeça de minha mãe para os meus ombros: devido ao seu trabalho, meu pai sempre precisava muito de água e a aldeia mal tinha alguns asnos. Observar meu pai criando formas com um pouco de terra e muita habilidade, isso também era uma diversão, mas uma diversão que me intrigava. Via uma espécie de mágica nos gestos rotineiros de seus pés e mãos. Já então, por seu sorriso e pela vivacidade de seu olhar, eu notava que ele empenhava toda a sua honra no acabamento da menor das peças que tomavam vida no côncavo de suas palmas. Os objetos que ele criava eram simples, nobres e de uso corrente. Eram as tigelas em que comíamos, as bilhas onde deixávamos fermentar o suco da uva e mil outras coisas mais.

Seu trabalho supria nossa pequena comunidade e às vezes um mercador dava uma paradinha em nossa casa para comprar umas tigelas ou cântaros. Se um Irmão da aldeia ficava sem um utensílio, ele logo lho oferecia, e em troca este ia cuidar da sua vinha ou fazer trabalhos de alvenaria ou marcenaria. Era assim uma contínua troca de bons procedimentos e todos se sentiam bem. Meus pais, aliás, ensinaram-me naquela época que era a regra e que ela constituía uma parte de nossa força.

Isso contribuiu para despertar em mim o sentimento vago, mas forte, de que éramos “diferentes”.

Passeando com as crianças da minha idade pelas trilhas poeirentas que formavam as ruelas da nossa aldeia, muitas vezes meus olhos deparavam com grupos de homens e mulheres de ar um tanto grave, olhar curiosamente profundo. Todos os rostos não me eram familiares e logo compreendi que nossa comunidade devia servir como uma espécie de “parada para descanso” e acolhia Irmãos que vinham de outros lugares depois de muito ter viajado.

Sua chegada ao nosso pequeno território sempre me divertia e intrigava. Parecia um ritual, um doce hábito que eu nunca queria perder. Mal um novo visitante, a fronte queimada pelo sol e os ombros curvados pelos caminhos pedregosos, entrava em nosso recinto, um bando de crianças do qual eu fazia parte corria para ele. Havia sempre uma ou duas mulheres para dispersar-nos e levar o desconhecido até um pequeno pátio à sombra de um muro de taipa ou de uma videira virgem.

Lá, elas tiravam suas sandálias, e, com um pano de linho, lavavam-lhe os pés, ofereciam-lhe uma fruta, sem todavia pronunciar uma palavra. Este modo de agir não era simples e unicamente atribuição das mulheres da nossa aldeia e muitas vezes vi homens agindo assim. Não havia tarefa considerada subalterna ou reservada mais a um do que a outro, logo compreendi isso.

Uma vez reanimado, o hóspede freqüentemente sentia necessidade de estender-se, rosto contra a terra, braços em cruz. Parecia beijar várias vezes o solo, depois levantava-se e, enquanto o escoltavam e lhe cobriam o alto da cabeça com um amplo tecido branco, ele entrava na morada que o acolhia. Raramente permitiam que as crianças assistissem às conversas que se seguiam à chegada de um estranho na aldeia. Isto não nos era imposto claramente como uma proibição, mas como uma regra, um fato consumado que não podia ser discutido e tinha suas razões.

Mas um fruto proibido é sempre saboreado com prazer e lembro-me de ter conseguido insinuar-me na sombra de uma porta atrás de um desses eternos viajantes que atravessavam nosso umbral.

Diante dele, vi meu pai pôr um joelho no chão, depois cruzar os braços no peito, o direito sobre o esquerdo. Baixou então a cabeça e o desconhecido colocou durante muito tempo uma das mãos sobre seu crânio.

O espetáculo me surpreendeu tanto que fugi imediatamente, atraindo, com minha falta de jeito, a atenção de dois homens. Naquela mesma noite meu pai foi buscar-me em cima do muriinho que servia de refúgio às minhas imaginações infantis. Um vento fresco soprava nas figueiras e fazia tremular os raros clarões de algumas lâmpadas a óleo esparsas. Eu me forçava a ficar para trás porque não queria dizer a meu pai que, confusamente, me parecia tê-lo visto em estado de inferioridade.

Chegando em casa, ele me pôs sobre uma enorme arca de madeira e me fixou direto nos olhos.

— Simão, responde à minha pergunta: entre o mestre e o servidor, qual dos dois te parece o mais importante?

Eu não compreendia o que ele procurava me dizer.

— Os dois — recomeçou ele, insistindo nas sílabas. — Os dois, porque são como as duas mãos de um mesmo corpo, os dois olhos de um mesmo rosto. Eles são o vento e a vela, a espada e o escudo. Um não passa da metade de si mesmo se o outro não existe.

Eu continuava a não entender direito e ele deve ter percebido, porque me apertou contra si; depois, com uma voz mais cálida, continuou:

— Simão, agora é preciso que saibas como vivemos. Amanhã eu te levarei até Zérah, aquele de longas barbas e que mora perto do antigo poço. Ele te contará muitas coisas e ficarás assombrado.

Sobre o ombro de meu pai, vi minha mãe me olhando. Tinha-se agachado na penumbra sobre uma pequena esteira e preparava maquinalmente a refeição do dia seguinte: uma bolacha e algumas azeitonas.

Portanto, alguma coisa ia acontecer; minha vidinha que parecia correr monótona, entre o desejo de semear linho e correr atrás das caravanas de Jappa, podia ser sacudida. Tive então a sensação furtiva de que nunca tinha entendido o que tinha visto, ou de que tinham-me escondido tudo, tinham-me considerado uma criança quando eu tinha o direito de saber...



Na manhã seguinte, o zumbido cálido e monótono das primeiras abelhas me tirou o sono. Minha mãe já tinha ido encher os cântaros vereda abaixo e estava se lavando no pátio enquanto o ranger do torno testemunhava o labor de seu marido.

Minha impaciência precipitou os acontecimentos e, instantes mais tarde, eu saltava, corria entre as sarças e as oliveiras para chegar à “casa do antigo poço”.

Zérah era um velho de longa barba grisalha, levemente avermelhada aqui e ali pelo sol e pelos anos. Tinha-o visto muitas vezes no decorrer das minhas brincadeiras e sabia que muitos lhe demonstravam respeito e uma certa admiração.

Era um desses velhos personagens de rosto apergaminhado, marcado por longos sulcos, de olhar ao mesmo tempo doce e penetrante, de palavras ora enigmáticas, ora límpidas, um desses veneráveis cujo retrato os mercadores freqüentemente divulgavam através de suas histórias.

— Paz para ti, Joshé — disse ele ao meu pai, que me levou diante dele. — Eu sabia que não tardarias a trazê-lo a mim.

Numa longa veste de linho de um branco desgastado, Zérah mantinha-se de pé na soleira de sua porta e estendia os braços na minha direção. Tomou-me pela mão e fui de tal modo subjugado por seu pulso grosso e calejado que nem percebi que meu pai não nos seguia na sombra fresca da casa.

A morada do velho pareceu-me ainda mais pobre do que a nossa que, no entanto, só possuía o mínimo. Na única peça, a claridade quente e poeirenta de uma janela minúscula, não vi mais do que duas ou três esteiras e alguns utensílios, dispostos sobre a terra batida.

Tranqüilamente, Zérah fez um sinal para que me sentasse e ele próprio, pernas dobradas sob o corpo, sentou-se de frente para mim. Na penumbra, sobre a parede dos fundos, meu olhar teve tempo razoável para demorar-se sobre uma espécie de estrela de oito pontas, todas iguais. Não fiquei admirado com isso: tínhamos uma igual.

— Simão, tens agora idade para saber o que fazes aqui, e quem somos nós. Escuta bem: já reparaste em nossas vestes?

— Sim — disse logo — nossas roupas são brancas, não são como as da cidade; também picam a pele, mas meu pai diz que está certo e que vai passar.

Com um leve sorriso, o velho recomeçou:

— O problema não é picarem, Simão, o problema é que são diferentes das outras. As dos homens e mulheres que seguem a lei da cidade e as dos soldados são azuis, amarelas, vermelhas, de todas as cores. É bom que o tenhas notado. Mas sabes por que isso? É porque os homens de Jappa não falam a mesma língua que nós, não falam a língua doce...

— Mas eu os compreendo! — repliquei arrebatadamente.

— Compreendes suas palavras, mas logo saberás que não entendes seu coração e que, para chegar a eles, precisarás labutar. Isso é que será difícil, porque se desejas escutar as pulsações da sua vida, eles muitas vezes não quererão escutar as tuas. Mas não vieste aqui para ouvir palavras amargas, Simão, vieste para aprender a ver e pensar.

Há muito tempo percebeste que não vivíamos como os das cidades e como os mercadores que andam com camelos; agora, é preciso que saibas por quê... Imagina um imenso campo de linho que os membros de uma grande família partilham... Um por um eles se casam e têm numerosos filhos. Há os de José, os de Saul, os de Jacó e muitos outros mais. Há tantos que logo não se reconhecem mais e brigam. Uns perdem com isso seu pedaço de terra e precisam pedir asilo aos outros que mal os suportam.

Vês, a Terra toda é semelhante a este campo de linho e nós, nesta aldeia e em algumas outras, somos como os sobreviventes de uma guerra antiga na qual perdemos os bens materiais distribuídos por nosso pai. Somos exilados entre parentes que esqueceram nossa fonte comum. Somos os sobreviventes de uma época em que o sol não mostrava tanto sua face como hoje mas em que, entretanto, seus raios aqueciam mais os corações. Somos também um espinho no calcanhar de um gigante. Não me olhes assim, entenderás isso rapidamente.

Zérah interrompeu-se por alguns segundos, depois, sem dúvida vendo minha perplexidade, continuou, firmando suas mãos grandes nos meus ombros:

— Deves saber que não somos do povo de Abraão e de Jacó, Simão. Nossos pais mataram um ao outro há muitas luas... muitas, mais do que possas imaginar.

Olha bem para a estrela que está atrás de mim, ela é um

dos símbolos do nosso povo. Nesta terra vais encontrá-la na casa de todos os que põem a mão sobre o coração quando falam. É um sinal que deves reconhecer. Existem muitos outros que aprenderás mais tarde.

Muitos povos vivem nesta terra; não digo que sejamos os melhores dentre eles, mas nosso Pai em espírito nos deu uma palavra e nós a guardamos sem suprimir-lhe ou acrescentar-lhe um iota.<sup>[1]</sup> É por sua glória e a de todos os irmãos humanos que deverás saber entendê-la e repeti-la. Então, como todos nós nesta aldeia, terás o direito de usar a longa veste branca e falarás a doce língua e curarás através dela.

— Eu curarei?

— Sim, tu curarás como muitos de nós aqui que fizeram o juramento. Mas não cuidarás somente dos corpos que sofrem, desejarás curar as almas.

— As almas? O que é uma alma?

— A alma, Simão, é... é esta enorme força que habita em ti e que todas as manhãs permite que digas algo como: “Sou eu, e meu nome é Simão.” É esta chama que, todas as noites, sai de ti e se vai a caminhar por uma terra de onde traz os sonhos e outras coisas mais. É a terra onde não existem fronteiras e onde...

— Eu nunca vi essa chama!

— Aprenderás a vê-la, e, te asseguro, conseguirás mesmo tocá-la.

Eu mal compreendia o que me dizia a voz quente e mansa de Zérah mas, confusamente, tive a sensação de que ele abria diante de mim portas e portas... Foi como se remexesse cinzas e avivasse a pequena chama cujo nome ele acabava de pronunciar.

— Mas como é que uma chama pode ficar doente, Zérah?

— perguntei, arregalando os olhos.

— Ela fica doente quando se afasta demais do fogo que a fez nascer. Guarda bem isso, Simão. Então, em vez de aquecer ela queima tudo o que toca. É simples e nós é que complicamos tudo.

O velho tomou-me o pulso esquerdo e, com gestos de uma precisão infinita, amarrou nele um cordãozinho preto, sinal do repositório que ele me confiava e do edifício cuja pedra fundamental acabava de talhar.

<sup>1</sup> Iota - Letra do alfabeto grego, correspondente ao “i” latino.



## Capítulo 2

### O Purim

OS MESES SE PASSARAM, PONTUADOS POR FREQUENTES VISITAS a Zérah.

O velho da “casa do antigo poço” parecia ter-me tomado sob sua proteção e não falava comigo como um instrutor, mas como um avô ao seu neto. Vê-lo tornava-se uma necessidade e a humilde peça onde vivia num segundo se transformava na minha casa.

Meus pais ficavam de longe vendo-me entrar na soleira da sua porta, mas não comentavam isso comigo. Nem mesmo, através de seu olhar, percebi que essas visitas decididamente não lhes agradavam.

Meu pai falava-me menos sobre os trabalhos no campo e até insistia que eu fosse vê-lo amassar e dar forma à terra a que dava vida. Quanto à minha mãe, ela decidiu que eu não devia voltar para casa antes de ter lavado cuidadosamente os pés e as mãos com a água do cântaro que ficava no pátio com essa finalidade.

Eu não torcia o nariz a esta exigência, até me senti lisonjeado. Com esta obrigação, parecia-me que eu tinha sido aceito entre os adultos e que partilhava de um verdadeiro segredo. Portanto, jamais falava disso com meus companheiros de brincadeiras.

Assim, durante anos, meu tempo se dividia entre Zérah, o torno de meu pai e as amendoeiras que eu via crescer e florir